



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Março de 2020 – Nº 58

ISSN 1518-1766

ALB

DOIS POEMAS

PAULO ORMINDO

MEMÓRIAS DA BAHIA

Gostaria de cantar a Bahia como Bandeira imortalizou o Recife,
Amália Rodrigues eternizou Lisboa, cheia de encanto e beleza,
e Frank Sinatra louvou Nova York, *a city that never sleeps*.

Gostaria de cantar a Bahia de minha infância,
que de todos os altos e janelas se via a baía e o Atlântico
e do mar, as torres das igrejas e bandeiras brancas.
A Bahia das vielas, que para seus moradores eram avenidas,
dos Largos estreitos, das esquinas esconsas e encostas verdes,
Salvador não era metrópole, tão somente a Bahia.

Mas já não ouço as modinhas nos quintais e nas ruas os pregões,
já não vejo as velas dos saveiros singlarando as ondas na viração,
o azul marinho por entre o verde da vereda da Vitória e das varandas.
Wildberger e Costa Pinto eram nomes de famílias, não espigões.
Na Mansão dos Cardiais viviam somente freiras, padres e prelados
e na Baixa dos Sapateiros, as morenas mais frajolas da Bahia.

Caymmi já cantou o que a baiana tem e o que é ter saudade da Bahia.
Sua mãe dizia, e ele não ouvia que o mundo é cheio de maldade e ilusão.
"Ai, se eu escutasse hoje não sofria. Ai, esta saudade dentro do meu peito"
Querido mestre Caymmi, dói muito sentir saudade à distancia,
mas dói muito mais ter saudade estando perto, vivendo nela,
não reconhecendo lugares e paisagens de tantas lembranças e memórias.

REDES, LAÇOS E NÓS

Na vida não estamos sós,
estamos todos ligados,
de variadas formas,
a fios atados com nós.
Tudo na vida são redes,
de sonhos e realidades,
de relações pessoais
de ódio e amizade.

Há redes que nos unem,
como as da tribo e da grei,
e as que prendem e oprimem
como as da intriga e do crime.
Há redes de fios que nos ligam,
iluminam e comunicam.
Mas há redes de normas
que nos prendem com seus nós.

Há redes sem fios
nem laços, virtuais,
que nos libertam.
Mas há nós e laços,
que não desatam,
como os da morte
e redes que nos captam
como aranhas mortais.

Mais que fios e redes
são os laços humanos
que nos atam e amaram,
que arrocham e afrouxam
como o ódio e o perdão.
Mas as redes da sorte,
como aquelas da morte,
não são atadas por nós.

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira nº 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.
